

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

O dossiê “Oralidade e escrita no mundo contemporâneo” reúne trabalhos sobre as relações entre oralidade e escrita no mundo contemporâneo e na história, considerando os diversos meios de reprodução, especialmente do ponto de vista da circulação dos textos. Quisemos aqui pensar sobre as experiências de edição de contos, cantos, entrevistas e histórias de vida, por meio do manuscrito, do impresso, de gravações sonoras, pelos meios audiovisuais ou pela tecnologia multimídia. Buscamos artigos e ensaios que contemplassem aspectos relativos às técnicas de edição de textos orais, que nos façam (esperamos que façam) refletir sobre nossas práticas, cada gesto, cada abordagem, cada decisão, no convívio com as manifestações poéticas da voz: gravação sonora e em vídeo, transcrição, tradução, transcrição, edição, divulgação.

Abrindo o dossiê, temos o artigo “Médiatisation et édition des littératures orales africaines”, em que o pesquisador francês Jean Derive, que há mais de 40 anos se dedica aos contos e cantos de tradições orais africanas, reafirma que a literatura oral, para ser transmitida, não precisa de nenhum outro meio além da voz e da linguagem articulada. Entretanto, o desenvolvimento e disseminação massiva de diversos tipos de mídias no século 20 favoreceu sua mediatização, e seu modo mais generalizado de difusão, hoje, é a edição, seja em meio impresso, tendo o papel como suporte, seja na forma de publicações sonoras ou audiovisuais.

Na sequência, Edil Silva Costa, pesquisadora na área de tradição oral, identidade cultural, literatura oral e conto popular, apresenta o que vem sendo feito no Brasil, em termos de registro das poéticas orais, edição e divulgação. A partir de questões como “por que publicar?” e “como editar?”, a pesquisadora mostra o rico contato com as comunidades narrativas que a pesquisa de campo proporciona ao pesquisador.

Em “Folhetos de cordel e tipografia no Ceará”, Gilmar de Carvalho, que vem pesquisando o cordel e publicando sobre ele há cerca de 30 anos, destaca o Ceará, mais exatamente Juazeiro do Norte, como centro de produção de poesia de cordel e xilogravura no Brasil, apresentando os espaços de concentração de poetas, gravadores e editores-tipógrafos e também a história editorial dessa poesia popular de tradição oral e impressa, na convicção de sua relevância para a história literária e editorial brasileira.

O ensaio “Editar livros com os índios: caminhos do pensamento vivo”, da pesquisadora Maria Inês de Almeida, que tem se dedicado intensamente já há mais de 20 anos às experiências

literárias em território indígena, reflete sobre os processos editoriais dos livros indígenas brasileiros, que têm como objetivo fortalecer as línguas originárias, bem como a educação intercultural no Brasil.

Em “Um boi fugido, uma história de boca em letra”, o contador de histórias e pesquisador de narrativas orais brasileiras de tradição banto, Josiley Francisco de Souza, apresenta um ciclo de poemas narrativos que têm o boi como personagem central, revelando a movência presente nos textos poéticos de tradição oral e que se inscreve também no texto escrito, evidenciando o trânsito permanente entre oralidade e escrita.

Para encerrar o dossiê, apresentamos “Uma apologia de Roberto Benjamin” escrita por Jerusa Pires Ferreira, uma das mais destacadas pesquisadoras brasileiras das relações entre cultura e memória, oralidade e escrita, tradição e experimentação poética. Trata-se de lembrar, e louvar, o legado do pesquisador pernambucano falecido em 2013, apontando possibilidades de pesquisas sobre as oralidades e seus veículos e agentes de edição, uma plataforma para pensar: inventários de temas e pesquisas, conceitos de texto e tradição e, finalmente, o grande jogo da memória recriada, a partir da própria memória de apreciadores e ouvintes.

Finalmente, queremos agradecer a contribuição do artista, e pesquisador de edições artesanais e tipografia, Flavio Vignoly, pela imagem da capa deste número da revista *Boitatá*.

Sônia Queiroz

Organizadora